

EDITORIAL

Diogo Henrique Helal¹

Caras leitoras e caros leitores,

Esta edição marca o início de meu período como editor-chefe da RBEQ. Começo este texto com um enorme agradecimento à professora Deise Ferraz, que me antecedeu como editora-chefe da revista. Muito obrigado, Deise. Além do excelente trabalho feito por ela nos últimos anos frente à revista, Deise foi de uma gentileza e atenção especiais na transição da editoria. Recebi, de suas mãos, a editoria da RBEQ com quase 30 artigos em avaliação e com uma enorme e qualificada base de avaliadoras e avaliadores, além da presença da revista em dois importantes indexadores (Latindex e DOAJ) e planejamento para ingresso em outros.

Em tempos de negacionismos, distorções e espetacularização (tão bem apresentados no filme “Don’t look up”ⁱ), a RBEQ se consolida como um importante veículo para autoras, autores, leitoras e leitores (apenas nos últimos três meses de 2021, foram submetidos à revista 16 artigos). “Olhando para cima”, a comunidade tem buscado a Revista pelo seu escopo, proposta e conteúdo, que refletem os eixos temáticos da Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionaisⁱⁱ.

Esta edição encerra o fatídico ano de 2021, marcado pela Covid-19 e pelo forte contexto de desigualdade no qual nosso país está imerso, não só pela pandemia em si, mas principalmente pelo modo como parcela de nossa sociedade tem lidado com ela. A capa desta edição, elaborada com Tiago Barbosa, busca trazer uma reflexão sobre as (re)produções das desigualdades no país, e sobre como temos nos repetido enquanto sociedade para lidar com esta pandemia e com suas consequências.

¹ Editor-chefe da Revista Brasileira de Estudos Organizacionais. Pesquisador Associado da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDA) e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PROPAD - da Universidade Federal de Pernambuco. Bolsista Produtividade em Pesquisa (Pq-2), do CNPq. Doutor em Sociologia e Política, pela Universidade Federal de Minas Gerais, Mestre e Bacharel em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco.

Além da imagem já mencionada, outros quatro artigos, um caso para ensino e uma pensata compõem esta edição. Em “O protagonismo narrativo da Fundação Renova: uma análise do programa VimVer em material de divulgação”, Carolina Saraiva e Michel Pereira buscam analisar o processo de recuperação e reparação das vítimas da queda da barragem de Fundão, em Mariana (MG), desenvolvido pelo projeto VimVer, a partir da narrativa de protagonista e da discursividade da Fundação Renova, responsável pelo projeto. Para tal, os autores desenvolveram uma análise discursiva da cartilha do VimVer, documento criado e utilizado pela Fundação em suas viagens pelos territórios atingidos. A pesquisa buscou desvelar as contradições na ação da Fundação e denunciar os desvios praticados por ela em nome da reparação.

Robson Rocha e Rosalia Lavarda, no ensaio teórico “*Open strategizing* e a força do olhar etnográfico: uma alternativa metodológica para compreender a abertura da estratégia nas organizações”, discutem o olhar etnográfico na construção do conhecimento e seu potencial de contribuição para a compreensão do fazer estratégia nas organizações. Para os autores, a etnografia é uma alternativa metodológica para pesquisar *open strategizing* nas organizações, uma vez que permite a aproximação do pesquisador com as práticas estratégicas e seus praticantes por meio de imersão no campo. Consideram, assim, que o olhar etnográfico tem potencial de revelar as particularidades das interações sociais e seus conflitos e ajudar a compreender as tensões presentes no fenômeno de abertura da estratégia.

Em “Pirataria digital de audiovisuais no Brasil: um diálogo entre representações sociais”, Lourenço Tristão e Sérgio Boeira realizam um diálogo entre as representações sociais de grupos diretamente envolvidos com a pirataria no Brasil, denominados “piratas” e “antipiratas”. O estudo adotou uma postura *bricoleur* para a coleta de dados, e a Teoria das Representações Sociais para a interpretação. Apresentam, como resultado, um quadro-síntese das representações sociais identificadas, e reflexões críticas a respeito das possibilidades de superação do conflito.

Andressa Nunes e Henrique Coelho, em “Análise narrativa no cenário de pesquisa da ciência administrativa brasileira”, desenvolvem um estudo quantitativo e qualitativo descritivo acerca da análise narrativa, como tema e método, a partir de publicações nacionais na Administração, nas bases Scielo e Spell. Os resultados indicam a predominância da análise

temática e um relativo desconhecimento das demais modalidades da análise narrativa, mesmo em um cenário de crescente utilização do método e de seus subtipos.

O caso para ensino “Gestão da diversidade à luz de uma vivência trans”, de Pâmela Karolina Dias, Wilson Mike Morais, Karla Giselle Silva de Castro, Elisabeth Cavalcante dos Santos, a partir de entrevista semiestruturada com Bismarkes, propõe uma discussão acerca dos marcadores sociais da diferença e da gestão da diversidade a partir de uma vivência travesti em organizações do Agreste Pernambucano. O caso objetiva, ainda, discutir como as organizações lidam com as diferenças no cotidiano, de que maneira essas diferenças podem resultar em desigualdades nas organizações, além de refletir sobre práticas de gestão da diversidade e suas implicações no contexto organizacional.

Completa esta edição, a pensata, de Marcio Gomes de Sá, “Disposições e Trabalhadores-Proprietários Agrestinos: Habitus Feirante, Filhos das Feiras e Tensões Emergentes”. Nela, o autor partilha aspectos de uma trajetória de pesquisa que se serviu da sociologia de Pierre Bourdieu e Bernard Lahire para estudos sobre as condições de vida, trabalho e negócios de indivíduos que possuem sua origem, trajetória ou atualidade associadas à classe trabalhadora. Marcio usa e discute a noção de disposições como ferramenta teórico-epistêmica na prática de pesquisa social no Agreste pernambucano, em particular, por meio daquilo que as noções de habitus feirante, filhos das feiras e tensões (disposicionais) emergentes permitiram explicitar e interpretar.

Finalizo este texto novamente agradecendo, agora aos colegas da diretoria, associados e associadas da SBEO pela confiança em mim depositada. Agradeço também às autoras e autores, avaliadoras e avaliadores, pelo diálogo no processo de publicação desta edição, e especialmente a Lucas Baeta, que tem auxiliado, de modo tão competente, no processo de editoração e publicação da Revista.

Com meus votos de esperança por um 2022 melhor e menos desigual, desejo aos leitores e leitoras uma ótima leitura!

ⁱ DON'T LOOK UP. Direção: Adam McKay. Produção de Hyperobject Industries e Bluegrass Films. Estados Unidos: Netflix, 2021.

ⁱⁱ Ver descritivo dos eixos temáticos da SBEO em: <http://www.sbeo.org.br/web/index.php/sobre-a-sbeo/eixos-tematicos-sbeo>